

#cm
2

TERÇA-FEIRA

Doc. sobre o rio Xingu é destaque em festival

PÁGINA 3



'Beetlejuice' entre em sua última semana no Rio

PÁGINA 5



Isabella Taviani em modo (ultra) romântico em EP

PÁGINA 7



CinemaScopio

Após receber quatro prêmios em Cannes, 'O Agente Secreto', de Kleber Mendonça Filho, segue sua jornada internacional rumo ao Oscar

Brasil escala o **'Agente Secreto'**

Thriller político de Kleber Mendonça Filho confirma expectativas e é escolhido para representar o país no Oscar 2026

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Um ano depois de "Ainda Estou Aqui" ter concentrado a torcida do Brasil em prol do sonho (enfim concretizado) de um Oscar para o país, é a vez de "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, ser o representante nacional na corrida por uma

vaga na disputa pela estatueta de Melhor Filme Internacional. O anúncio foi feito nesta segunda, pela Academia Brasileira de Cinema. A produção derrotou cinco outros concorrentes: "Baby", de Marcelo Caetano; "Kasa Branca", de Luciano Vidigal; "Manas", de Marianna Brennand; "O Último Azul", de Gabriel Mascaro; "Oeste Outra Vez", de Erico Rassi.
Continua na página seguinte

Brent Travers/Divulgação

Um longa que pode repetir trajetória de 'Ainda Estou Aqui'



Kleber Mendonça Filho (diretor), Emilie Lesclaux (produtora) e Wagner Moura (ator) no set de filmagens de 'O Agente Secreto': a trinca de sucesso por trás do thriller político brasileiro com sotaque pernambucano

A 98ª edição do Oscar será realizada no dia 15 de março de 2026, no Dolby Theatre, em Los Angeles. No dia 16 de dezembro sai uma primeira lista com 15 finalistas de algumas categorias, entre as quais a de Filme Internacional, da qual serão selecionados cinco. O anúncio dos indicados oficiais será feito em 22 de janeiro de 2026.

Aos olhos da crítica, do mercado exibidor e de profissionais de diferentes áreas da produção audiovisual, "O Agente Secreto" é um título com perfil "já ganhou", apoiado numa trajetória que lembra a de "Ainda Estou Aqui" em sua reverberação em festivais de peso.

O sucesso comercial de Walter Salles, visto por 5,8 milhões de pagantes em nossos cinemas, começou seu percurso atrás do Oscar na briga pelo Leão de Ouro de Veneza, onde ganhou o primeiro de seus 67 prêmios: a láurea de Melhor Roteiro.

Bola da vez da América Latina, o inflamável suspense pernambucano dirigido pelo realizador de "O Som Redor" (2012) deu seus primeiros passos em Cannes, onde venceu em quatro frentes. Concorrente à Palma de Ouro, foi agraciado com o troféu de Melhor Direção (dado a Kleber) e o de Melhor Ator, confiado ao baiano Wagner Moura, pelo júri oficial, presidido por Juliette Binoche. Recebeu na

Croisette ainda o Prêmio da Crítica - dado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, a Fipresci - e um prêmio da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio.

O que vemos ao longo de suas duas horas e 38 minutos é a luta pela vida de um pesquisador e professor universitário (papel de Wagner) perseguido por matadores no Brasil de 1977, numa ditadura conivente com abusos de empresários e agentes da polícia. Essa peleja contra um estado corrupto acaba de passar pelo TIFF - Festival de Toronto, no Canadá, que costuma abrir as portas da Academia para potenciais concorrentes.

Eleito Melhor Filme em Lima, no Peru, "O Agente Secreto" zarpa

de terras canadenses para passar pela mostra Perlak de San Sebastián (de 19 a 27 de setembro), neste sábado, e pelo BFI London Film Festival (de 8 a 19 de outubro). Mostras em Biarritz, Nova York e Zurique já estão em seu radar.

"Nós queremos levar 'O Agente Secreto' o mais longe que conseguirmos," declarou Ryan Werner, presidente de cinema global da Neon, empresa responsável por distribuir o filme nos Estados Unidos, em comunicado à imprensa.

Com estreia comercial no Brasil marcada para 6 de novembro, "O Agente Secreto" tem fôlego (e tem Wagner Moura) para se tornar um blockbuster, termo aplicado a longas que vendem mais de 1 milhão

de ingressos. A forte acolhida que teve no fim de semana passada, ao abrir o Festival de Brasília, confirmou o quão refinada é sua munição para ocupar olhos e corações. Até a manhã de segunda, 49 outros países haviam designado seus eleitos para a Academia de Hollywood, incluindo Portugal, que optou por "Banzo", de Margarida Cardoso. Dessa seleção, duas produções têm mais visibilidade neste momento, por conta da forte repercussão que provocaram em excursões por mostras no exterior: o norueguês "Sentimental Value", de Joachim Trier, e o tunisiano "The Voice of Hind Rajab", de Kaouther Ben Hania.

Em comum, esses dramas têm o fato de terem saído vencedores na categoria Grande Prêmio do Júri em dois dos maiores festivais do mundo. O primeiro brilhou em Cannes, narrando a crise de uma atriz de teatro com seu pai cineasta; o segundo comoveu Veneza, recriado o calvário de uma menina palestina.

Fala-se muito da Coreia do Sul também, que será representada pelo thriller "No Other Choice" ("Eojjeolsuga Eobsda"). A produção marca a volta do sul-coreano Park Chan-wook às telas. Esse novo longa do realizador de "OldBoy" (2004) fala sobre um desempregado passa a matar seus rivais na disputa por uma vaga de emprego. Ela é derivada do romance "The Ax" (1997), de Donald Edwin Westlake (1922-2008), filmada antes pelo franco-grego Costa-Gravas, em 2005, com o título "O Corte".

Estima-se que a França possa angariar holofotes na caça ao Oscar caso se decida em prol de "Nouvelle Vague" (que é dirigido pelo americano Richard Linklater, mas é falado em francês) ou de "Un Simple Accident", o ganhador da Palma de Ouro deste ano, que a terra de Emmanuel Macron coproduziu em busca de apoiar o diretor iraniano Jafar Panahi. A decisão deve ser anunciada nesta quinta.

A curiosidade que a Academia de Hollywood vai encontrar nessa oferta é a presença de Papua Nona Guiné, que nunca havia pleiteado um Oscar antes e tentará a sorte com "Papa Buka", de Bijukumar Damodaran.



Por Reynaldo Rodrigues

O 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro segue com uma programação intensa e diversa com a exibição de obras que refletem lutas sociais e diversidade de vozes do cinema brasileiro como o documentário “Xingu à Margem” e o curta “Dança dos Vagalumes”, exibidos nesta segunda-feira (15).

O documentário “Xingu à Margem”, de Wallace Nogueira e Arlete Juruna, explora, a partir da fala de lideranças indígenas e ribeirinhas, os impactos da Hidrelétrica de Belo Monte sobre as populações da Volta Grande do Xingu, misturando espiritualidade, resistência e denúncia social. “O rio Xingu não obedece leis, ele vem restaurando e ressuscitando espíritos contra todo o mal a quem o fez”, afirma Dona Raimunda, que, com seu machado de duplo fio, separa o bem do mal. Sua luta revela a dura realidade de



Tela garantida para autoridades brasileiras

Festival de Brasília exhibe documentário que mostra como a construção de Belo Monte afeta a vida de povos indígenas e populações ribeirinhas

‘Xingu à Margem’ retrata os impactos de Belo Monte sobre populações amazônicas

segregação enfrentada por ribeirinhos, beiradeiros e indígenas na Volta Grande do Xingu, em Altamira (PA), desde a construção da hidrelétrica.

E “Dança dos Vagalumes”, de Maykon Nery, acompanha o retorno

de Joana ao assentamento do MST onde cresceu, reconstruindo sua trajetória entre afetos e memórias.

O Prêmio Leila Diniz, concedido a mulheres que marcaram a história do cinema brasileiro, foi entregue à cineasta e pesquisadora

Lúcia Murat. Com trajetória iniciada na militância política contra a ditadura militar, Murat se tornou referência por registrar e denunciar desigualdades sociais em filmes como “Brava Gente Brasileira” (2000) e “Que bom Te Ver Viva”

(1989). Nesta segunda, às 9h, ela apresenta no Cine Brasília seu novo documentário Hora do Recreio, que discute questões da educação brasileira sob o olhar de estudantes, e faz parte da seleção oficial do Festival de Berlim.

Memórias reconstruídas

O curta ‘Fogo Abismo’, de Roni Sousa, reúne reminiscências pessoais e questões sociais

O cineasta e pesquisador brasileiro Roni Sousa estreia na direção cinematográfica com “Fogo Abismo”, único representante do Distrito Federal na Mostra Competitiva Nacional do 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O curta será exibido no Cine Brasília nesta sexta-feira (19), às 21h, e traz uma narrativa que entrelaça

memórias pessoais, arquivos familiares e fabulação, tendo como ponto de partida a infância do diretor na Vila Rabelo, ocupação localizada em Sobradinho II.

Gravado em diálogo com os moradores da comunidade, o documentário resgata experiências periféricas e coloca em cena debates que vão da desigualdade ao

Divulgação



Curta aposta em narrativa que mescla memórias pessoais e sociais

racismo ambiental e à resistência popular. “Estou muito feliz, é uma enorme honra. Estrear ali como diretor, com um filme independente e feito sem recursos, ao lado de produções tão grandes e importantes, é emocionante”, afirma Roni Sousa.

O curta parte de lembranças pessoais do diretor para abordar temas coletivos. “Há algum tempo venho revisitando meus arquivos familiares e minhas memórias. O filme acabou se inserindo nesse movimento. Em vários momentos precisei interromper a criação, porque ela me levava a lugares difíceis de enfrentar — sobretudo ligados à infância”, conta o cineasta, que divide sua rotina entre Sobradinho e Lisboa, onde cursa

doutorado em Ciências da Comunicação – Cinema e Televisão.

Embora íntima, a narrativa conecta-se ao cotidiano da população do entorno da capital, tocando em questões como pobreza, seca, trabalho rural e crise climática. “O roteiro nasceu com esses objetivos. Eu não queria que soasse panfletário, por isso busquei partir de uma situação íntima que abrisse espaço para reflexões mais amplas”, explica. “Meu principal arquivo era a memória, instável e em constante reconstrução. Ao lado dos registros que eu tinha, convoquei lembranças e fabulei sentidos”, diz Roni, que assina roteiro, direção de arte, trilha sonora, montagem e edição de som. (R. R)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Caberá a neutros hermanos argentinos e uruguaios inaugurar o 73º Festival de San Sebastián, na sexta (dia 19), com “27 Noches”, dirigido pelo ator Daniel Hendler, mas já na arrancada, o evento espanhol sedia a entrega do Grand Prix Fipresci para “Ainda Estou Aqui”, do carioca Walter Salles, e, no sábado, projeta “O Agente Secreto”, do pernambucano Kleber Mendonça Filho. A produção egressa do Recife entra no páreo pela láurea de júri popular da mostra Perlak ao mesmo tempo em que um longa-metragem com CEP em São Paulo, “Dolores”, rodado por Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes, concorre na mostra Horizontes Latinos. Em sua disputa oficial, construída em torno da caça ao troféu Concha de Ouro, a maratona cinéfila basca (uma das mais respeitadas e concorridas do mundo) só coroou o Brasil uma vez... e só em 2019. O vencedor, “Pacificado”, rodado no Morro dos Prazeres, no RJ, hoje impõe sua excelência na grade da Disney+. Paxton Winters, um americano que se radicou em Santa Teresa, é o diretor.

De maneira orgânica, quase casual, a câmera da diretora de fotografia Laura Merians sempre fita olhares em “Pacificado”, desde os planos iniciais do Morro dos Prazeres, sempre medindo a investigação geopolítica de Paxton. Seu obturador abre e fecha à luz das periferias cariocas como se buscasse medir a dimensão trágica do Rio de 2016 – data que se sobressai na narrativa por indícios espaciais. À frente de suas lentes, aparece o desmanche da estrutura montada para os Jogos Olímpicos. O primeiro olhar que grita em cena é o de Léa Garcia, como Dona Preta, ou só Vó, a fiel Vó de Jaca, apelido do protagonista, uma espécie de samurai da favela, um ex-líder do tráfico, “bicho solto”, de quem só sobrou uma sombra, qual o “Kagemusha”, que rendeu a Palma de Ouro a Akira Kurosawa. Dona Preta é também bisca de Tati, personagem de Cássia Gil, menina que desenha essa



Bukassa Kabengele ganhou o prêmio de Melhor Ator em Donostia em 2019 por 'Pacificado'

Concha brasileira nos domínios do Mickey

Único longa-metragem brasileiro a conquistar o prêmio máximo do Festival de San Sebastián, o thriller ‘Pacificado’ hoje está no Disney+

história emotiva de reeducação dos quereres. Jaca rendeu a láurea de Melhor Ator a Bukassa Kabengele e Laura ainda papou um troféu por seu arranjo fotográfico. Passaram-se seis anos dessa consagração e, hoje, esse filmaço – que teve o diretor americano Darren Aronofsky, de “A Baleia”, entre seus produtores – pode ser visto na plataforma digital da Disney. É uma pedida e tanto para quem quer curtir longas com o Brasil em seu DNA nos streamings.

A câmera de Paxton flagra o olhar de maré branda de Tati, que logo se faz molhar... marejando sonhos despedaçados por toda a sorte

de demanda e de agressões de sua mãe, Andréa (Débora Nascimento, em um desempenho avassalador). Esta também esbugalha a pólvora que reside em sua retina... retinas dilatadas por carreiras e mais carreiras de pó e pela esperança vã de ter um lote de terra à sua espera em São Paulo. Andréa é um corpo que define... corpo desejado por muitos personagens, mas que, já nos momentos iniciais do filme, revela um terço digno de Capitu... na ressaca de um determinismo que Winters estuda quadro após quadro. Esse organismo que entra em entropia em cena dimensiona a grandeza de

sua intérprete.

O que vemos em “Pacificado” é o processo de redesenho da família de Tati depois que Jaca, o pai com quem nunca conviveu saiu do cárcere disposto a mudar de vida. Mudanças custam caro para os trabalhadores do pó no RJ, mas o preço a se pagar pela reinvenção justifica todo e qualquer calvário. É o que acompanhamos neste thriller caudaloso, que é um hino de amor aos Prazeres, cujos moradores delinquearam a trama para Paxton.

Há muitos potenciais candidatos ao Oscar nas mostras de San Sebastián deste ano, mas, entre os

atuais concorrentes à Concha de Ouro, o mais esperado é “Le Cri des Gardes”, de Claire Denis. Nele, a diretora faz uma adaptação de um romance de Bernard-Marie Koltès: “Combat De Nègre Et De Chiens”. O filme se passa nos barracões de uma obra na África Ocidental e é protagonizado por Isaach de Bankolé, Matt Dillon, Mia McKenna-Bruce e Tom Blyth. Num canteiro de operários, Horn, o chefe da obra (vivido por Dillon), e Cal, um jovem engenheiro (Blyth), dividem o alojamento atrás da porta dupla das instalações. Leone, a nova esposa de Horn (Mia), chega para se juntar a eles na noite em que um homem (interpretado por Isaach) aparece junto à cerca. Seu nome é Alboury. Como um espectro na escuridão, ele exige o corpo de seu irmão, que morreu naquele mesmo dia na obra. Ele vai assombrar os dois homens durante toda a noite até que lhe entreguem o cadáver, enquanto Leone observa o desastre crescer diante de seus olhos. É uma promessa de vitórias no festival onde Claire foi presidente do júri em 2023 e onde ganhou o Prêmio da Crítica, em 2018, com “High Life”.

Leo Aversa/Divulgação

Nunca diga três vezes

Com Eduardo Sterblicht em estado de graça, 'Beetlejuice' encerra temporada carioca neste fim de semana

O multipremiado musical "Beetlejuice" encerra sua temporada carioca neste fim de semana, com apresentações até domingo (21) no Teatro Multiplan, no Shopping Village Mall. A superprodução estrelada por Eduardo Sterblicht foi eleita "Melhor Musical do Ano" nos prêmios Bibi Ferreira, Destaque Imprensa Digital e Arcanjo.

Inspirado no clássico filme de Tim Burton "Os Fantasmas Se Divertem" (1988), o espetáculo impressiona pela coragem de Re-

nata Borges em criar uma montagem com padrões internacionais. A direção de arte alcança excelência rara no teatro brasileiro, com 11 gigantescos cenários, mais de 150 figurinos e efeitos especiais que compõem a cenografia grandiosa de Renato Theobaldo, vencedor do Prêmio DID 2024.

A direção de Tadeu Aguiar consegue efeito notável ao criar uma linha de coro talentosa que canta, dança e sapatea, rompendo com a fixação brasileira pelo canto em detrimento dos números de dança. Sueli Guerra e Roberta Serrano, na



Em atuação memorável, Eduardo Sterblicht revela seu dom para o teatro musical em 'Beetlejuice'

direção de movimento e coreografia, desenvolvem números com artistas perfeitamente entrosados.

Mas "Beetlejuice - O Musical" não seria o que é sem Eduardo Sterblicht, três vezes premiado por sua atuação nos prêmios PRIO do Humor, Bibi Ferreira e Destaque Imprensa Digital. Em atuação irre-

prezível, o ator demonstra timing cômico excepcional, versatilidade vocal e fôlego impressionante. Sua caracterização radical amplifica o humor e consolida o artista como o melhor ator de musical da atualidade.

O espetáculo conta com libreto de Scott Brown e Anthony King, músicas de Eddie Perfect e versão brasileira de Claudio Botelho. A equipe criativa reúne Laura Visconti na direção musical, Dani Vidal e Ney Madeira no figurino, Dani

Sanches no desenho de luz e Gabriel D'Angelo no desenho de som.

SERVIÇO

BEETLEJUICE – O MUSICAL
Teatro Multiplan (Shopping Village Mall - Av. das Américas 3.900 - Barra da Tijuca)
Até 21/9, de quarta a sexta (20h) e sábado e domingo (16h) | Ingressos entre R\$ 120 e R\$ 60 (meia) e R\$ 350 e R\$ 175 (meia)

Para pensar a autonomia feminina

Monólogo 'O Papel de Parede Amarelo e Eu' chega à última semana em cartaz no Teatro I Love Prio

Gabriela Duarte encerra neste fim de semana a temporada carioca de "O Papel de Parede Amarelo e Eu", seu primeiro monólogo, no Teatro I Love Prio. A montagem, que teve sucesso em São Paulo com sessões esgotadas no Teatro FAAP e indicação ao Prêmio Shell de Melhor Cenário, apresenta

uma potente leitura cênica do conto clássico de Charlotte Perkins Gilman.

Sob direção de Alessandra Maestrini e Denise Stoklos, a peça é inspirada no livro "O Papel de Parede Amarelo", publicado em 1892. O conto é considerado marco da literatura feminista por abor-



Gabriela Duarte faz seu primeiro solo em 'O Papel de Parede Amarelo e Eu'

dar temas como controle sobre o corpo feminino e saúde mental, questões que permanecem atuais.

A narrativa retrata uma mulher confinada em um quarto

pelo marido médico, sob pretexto de recuperação da saúde, e sua crescente obsessão pelo papel de parede amarelo que a cerca. A montagem, porém, vai além da

obra original ao incorporar na dramaturgia o posicionamento da própria personagem como mulher dos dias de hoje que questiona a situação que lhe foi imposta.

O espetáculo dialoga com questões fundamentais sobre autonomia feminina e saúde mental, temas que ecoam desde o século 19 até os dias atuais. A montagem destaca-se pela força interpretativa de Gabriela Duarte, que constrói um trabalho solo de grande intensidade dramática.

SERVIÇO

O PAPEL DE PAREDE AMARELO E EU
Teatro I Love Prio (Av. Bartolomeu Mitre, 1110, Jockey Club Brasileiro)
Até 21/9, sexta e sábado (20h) e domingo (18h) | Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Priscila Prade/Divulgação

Paulo-Roberto Andel

Outro monstro urbano

Eu sou um monstro urbano. Eu sou um dos muitos monstros urbanos da sociedade, tratado com total indiferença. Ninguém vai reparar se eu cair morto na rua. Nós ficamos assim, hoje nós somos assim, uma sociedade liderada pelo desprezo. Tenho vivido a espíri as esquinas, as pessoas e a gente. Tenho visto o sofrimento, os olhos esbugalhados cheios de lágrimas pelos rostos aí afora, as pessoas com fome, outras pessoas sonhando com um mísero emprego e muita gente sem rumo, nem destino.

Pode ser na TV. Pode ser na grande avenida ou no corredor do shopping center? Pode ser no mercado popular ou no sofisticado, até na tela do cinema e ponto: lá está o sofrimento, lá está o trabalhador, as pessoas humilhadas, oprimidas, longe, muito longe do que gostariam de estar em algum momento.

Tenho visto o ir e vir, a correria, a luta louca para se manter o respeitável posto de trabalho e, conseqüentemente, dinheiro para comer. Tem os ônibus e trens cheios, as pessoas oprimidas. Com fones de ouvido para se esconder do mundo. Tem as mãos mendigas estendidas, cheias de rugas e sofrimento, esperando o fim de vida menos triste, mas nem tudo é só derrota. Às vezes há construções: quando é possível, a gente faz festa, tem Carnaval, tem show na praia e as pessoas fazem seu churrasco. No fim do ano vêm as festas e alguns se abraçam, outros fingem que são felizes, outros desejam o melhor para todo mundo. Somos muito individualistas, mas nessa hora a gente mostra algum serviço.

Existe a tristeza, mas também há fagulhas de alegria, também há bons momentos mesmo para aqueles que têm muita dificuldade em ter uma vida razoável,

é o caso de dias recentes quando tivemos por aí um inevitável sentimento de Justiça, logo num país marcado por injustiça permanente. O bom da vida é a contradição. Prenderam pessoas que fizeram muito mal ao povo do país, humilharam, sabotaram riram e debocharam. Há quem diga que não existe lei do retorno, mas dessa vez ela retornou em cheio e se espatifou na cara de quem não tem coração.

Enquanto existe uma esperança de Justiça mínima, eu vou seguindo meu caminho pelas ruas, monstrinho urbano como tantos outros ignorados por aí. Ninguém repara em mim, ninguém pensa no que eu tô sentindo, nem se eu tenho sonhos. Ninguém quer saber se eu tenho família, esposa, filhos, se eu não tenho nada, se estou doente, nada, absolutamente nada. Eu ando pelas ruas e ninguém me dá bom dia, ninguém me olha. Talvez eu sequer exista, se pensarmos bem.

Tá tudo certo. A vida é assim, infelizmente nós constituímos as coisas desse jeito e acho que vai ser difícil de mudar, mas pelo menos hoje, só por hoje e só pelos últimos dias, voltei a acreditar que é possível ver um pouco de justiça na Terra e isso serve como combustível para as empreitadas que cada um de nós tem por aí.

Quer saber? Mesmo com tudo contra eu ainda sonho, eu ainda vejo a chance de alegria num garotinho com sua camisa tricolor rasgada, uma caixinha de doces e pulos de felicidade subindo a rampa daquele outro Maracanã. Ou outro garoto feliz perto da UERJ com sua pipa barata e o pequeno sonho de estar no ar. Eu sou um monstro urbano e todos me desprezam, mas dentro do meu peito bate um coração de valor, ao menos por enquanto.



A obra de Conceição Evaristo aborda questões raciais e sociais em tom poético

Enquanto o Jabuti não vem

Conceição Evaristo debate literatura e memória em evento que antecede a maior premiação literária do país

Por Affonso Nunes

A escritora Conceição Evaristo, uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea, participa do Encontro do Esquentado Jabuti nesta terça-feira (16), no Teatro Carlos Gomes. O evento, que tem como tema “Literatura e Memória Viva”, antecede a cerimônia do Prêmio Jabuti, que pela primeira vez em seus 66 anos de história será realizada no Rio.

A iniciativa, promovida pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, integra a programação especial da Capital Mundial do Livro 2024, título concedido à cidade pela Unesco. Conceição

Evaristo, conhecida por obras como “Ponciá Vicêncio” e “Olhos d’água”, que abordam questões raciais e sociais com profundidade poética, dividirá o palco com a ativista da leitura Bel Santos Mayer, sob mediação do escritor e curador literário Henrique Rodrigues.

“Pela primeira vez em seus 66 anos de premiação, o Jabuti atravessa a Dutra e chega ao Rio de Janeiro. É o reconhecimento da CBL da importância do título de Capital Mundial do Livro concedido ao Rio pela Unesco em reconhecimento às políticas públicas de livro e leitura implementadas na cidade. É uma honra para os cariocas receber a festa de entrega do Jabuti, maior prêmio da literatura brasileira, assinalando a importância da leitura como objeto de política pú-

blica e fomentando o crescimento do mercado editorial”, comemora Lucas Padilha, secretário municipal de Cultura.

O Prêmio Jabuti, considerado o mais importante reconhecimento literário do país, tradicionalmente realizado em São Paulo, chega ao Rio como parte das celebrações que consolidam a cidade como centro de discussão sobre literatura e cultura. A premiação, que acontecerá em outubro, reconhece anualmente as melhores obras publicadas no Brasil em diversas categorias, incluindo romance, crônica, poesia, literatura infantil e juvenil, além de categorias técnicas como tradução e projeto gráfico.

O prêmio funciona em duas etapas: primeiro, uma comissão de especialistas seleciona até dez finalistas por categoria; depois, um júri técnico escolhe os vencedores. As obras concorrem em 20 categorias, sendo que o grande vencedor recebe o Livro do Ano, escolhido entre os primeiros colocados de cada categoria ficcional e não ficcional.

SERVIÇO

LITERATURA E MEMÓRIA VIVA (com Conceição Evaristo e Bel Santos Mayer)
Teatro Carlos Gomes – Salão Guarani (Praça Tiradentes, s/nº, Centro)
16/9, às 17h | Entrada franca

Romance à flor da pele

Isabella Taviani canta as coisas do coração com intensidade no primeiro volume do projeto 'Confissões (de Amor)'

Por **Affonso Nunes**

Impregnada de amor de amor. Assim está Isabella Taviani, em seu novo trabalho, o EP "Confissões (de Amor) - Volume 1", que chega nesta terça-feira (16) às plataformas digitais. O trabalho é um mergulho nas águas do afeto com a delicadeza lírica que consagrou a cantora e compositora. As cinco faixas inéditas exploram desde encontros e desencontros até saudade e esperança, com a força emocional e melódica.

"É um projeto que me traz muita alegria. Estou muito feliz

com esse novo momento e animada com a forma como essas músicas estão nascendo, se revelando e conversando entre si. São canções que me tocam profundamente e que, ao mesmo tempo, têm tudo para tocar o coração de muita gente", explica Isabella, destacando que este é o primeiro volume de uma série chamada "Confissões".

As faixas, de forte apelo pop, foram pensadas para estabelecer conexão imediata com o público, afinal quem não tem o coração derretido por canções agudamente românticas? Que o digam "Flechas na Parede", que mescla MPB,

Vinicius Mochizuki/Divulgação



pop e samba em levada envolvente, e "Tente Não Chorar", uma balada intensa originalmente composta para Ivete Sangalo e agora revisitada com a potência interpretativa da própria compositora.

Após circular pelo país, em turnê em formato voz e violão para celebrando mais de duas décadas de carreira, Isabella retoma os palcos com banda. A estreia será nesta sexta-feira (19), no Teatro Riachuelo Rio, seguida de apresentação no Tokio Marine Hall, em São Paulo, no dia 23.

O trabalho consolida também nova fase na vivência musical da artista. Após estreitar como produtora em 2024 com "Pare", em parceria com Bia Ferreira, Isabella colabora novamente com o baterista Sérgio Melo, parceiro de longa data, na produção de três faixas. As demais contam com produção de Rafael dos Anjos e Dudu Farias.

Isabella Taviani usa e abusa do romantismo no primeiro EP do projeto

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Na raiz da paixão

O Turma do Pagode lançou nas plataformas digitais o single "Apaixonado Raiz (Tu Tu Tu Tu)", gravado ao vivo durante show em São Paulo. A música foi criada de forma espontânea um dia antes da apresentação da turnê "Hoje É Dia", em maio. Segundo os integrantes Thiagão e Caramelo, a decisão de incluir uma inédita aconteceu de última hora, com arranjo feito no camarim e ensaio rápido na passagem de som. O público cantou junto imediatamente, confirmando o potencial da faixa que agora integra o repertório do grupo.

Divulgação

Nahas/Divulgação



Regravando o ídolo

O Jota Quest anunciou parceria com a Universal Music Brasil e o lançamento do single "Acende o Farol" em feat póstumo com Tim Maia. A regravação do clássico será o primeiro trabalho da banda pela nova gravadora e chega como homenagem ao ídolo do grupo. "Há anos nos prometíamos uma nova regravação de Tim Maia, que é um dos nossos maiores ídolos. Viva a soul music brasileira", afirma o vocalista Rogério Flausino. Utilizando tecnologia para incorporar a voz original de Tim Maia, o single estará disponível nas plataformas digitais em breve.



Divulgação



Funk resiliente

A cantora e compositora Adi Oasis lançou o single "Silver Lining" em parceria com o produtor Carrtoons. A faixa funk celebra a resiliência e foi inspirada em episódio real: após perder a mala no aeroporto, a artista subiu ao palco usando roupão de hotel, transformando o imprevisto em show memorável. Com mais de 100 milhões de streams globais, a artista francesa tem no Brasil seu segundo maior público. Em 2024, colaborou com Luedji Luna e fez turnês pelo país, incluindo apresentações esgotadas no Blue Note e headliner do Queremos! Festival no Rio.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ